
ARTIGO

OS CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO
E DE SUBDESENVOLVIMENTO DA AMÉRICA LATINA (1804-1989)

Angelo Alves Carrara

Departamento de História - UFOP

APRESENTAÇÃO

O primeiro a escrever sobre uma invenção, não da América propriamente dita, mas do homem americano, foi Afonso Arinos, que descreveu o processo de transferência das imagens que constituíam a invenção da Índia para a América. Aliás, como já havia sido notado por Braudel, a conquista e colonização da América foi um processo de ocidentalização em resposta à saturação de Oriente experimentada pela Europa:

Pacientemente, a Europa criou, à sua imagem e semelhança, uma América que correspondia aos seus desejos.^{1*}

A visão geral acerca do homem americano e das Américas de que trata Arinos se iniciou com a famosa carta que Américo Vespúcio [1451-1512] escreveu em março ou abril de 1503 a Lorenzo Piero Francesco Medici, conhecida como *Mundus Novus*, ou *Epistola Albericii de Novo Mundo*². Esta carta influenciou Erasmo de Roterdam [1466-1536] na fixação da Loucura nas "Ilhas Afortunadas", localizadas para ele na América Central ou Meridional, e Thomas Morus [1478-1535], para quem a Utopia era "um país deste novo mundo". Não foi, contudo, esta visão benigna de Morus a que permaneceu entre os anglo-saxões. Shakespeare, por exemplo, considerou n'A Tempestade o homem americano Caliban cheio de taras e vícios, indigno mesmo de ser considerado como humano.³

Os franceses, no entanto, continuaram a se alimentar das fontes originais que tratavam os *selvagens* americanos como naturalmente bons.⁴

Contudo, esta invenção deve ser melhor definida. A América foi, primeiro, destruída, e, depois, sobre seus escombros, levantou-se um edifício ocidental. Na prática, contudo, os 'escombros', representados pela cultura material e intelectual daquelas pessoas que conseguiram sobreviver ao primeiro embate da

* Optamos aqui por colocar as notas de referência no final do texto, em razão da grande extensão de algumas delas (os editores).

conquista, perturbaram a aparente perfeição da obra, não obstante a matriz cultural quintessente, pura. Nesse sentido, a obra da conquista parece permanecer inacabada. Nestes quinhentos anos de presença européia no continente, tem-se assistido à continuação dos feitos de Cortez e Pizarro sobre as bases renováveis do processo original. Toda a história da América Latina nos últimos cinco séculos tem sido uma história **de conquistas** e igualmente uma história das **re-conquistas**, ou como usualmente se diz, das resistências.

Há em Cusco um edifício que ilustra com perfeição esse processo: o palácio cujos alicerces são as pedras angulares características da arquitetura incaica e cuja estrutura superior é uma casa colonial espanhola: o Palácio do 'Inka Roq'a.

Duas imagens mantêm-se vivas: a da *aprazível* América, terra da natureza pura confundida com o paraíso, em oposição à *desprezível* América, o lugar privilegiado da indolência nativa, das revoluções e dos golpes militares constantes. A primeira encantou os viajantes ao longo do século XIX, e a segunda os desiludiu igualmente.

O presente trabalho - muito mais um roteiro bibliográfico anotado - pretende estabelecer de modo sistemático a filiação bibliográfica das diversas opiniões emitidas por autores europeus, desde Humboldt, sobre o desenvolvimento/subdesenvolvimento do continente latino-americano, e que tanto têm pesado sobre nossas consciências ao longo destes últimos dois séculos.

INTRODUÇÃO

A primeira sistematização dos conceitos de desenvolvimento/ subdesenvolvimento da América Latina foi feita por Darcy Ribeiro em 1967.⁵ Este autor assinalava dois esquemas conceituais básicos que inspiraram a maioria dos estudos sobre o desenvolvimento desigual das sociedades americanas: o dualismo estrutural, de um lado, e o marxismo dogmático, de outro. O primeiro deles fundamentava-se na idéia de um "processo natural" de transição entre formas arcaicas e modernas, cuja expressão mais elaborada eram os estudos da "modernização reflexão", da "mobilidade social" ou da passagem do modo tradicional ao modo industrial, além da própria dualidade estrutural.⁶ Darcy diferenciava dois campos de trabalho: o daqueles que se inspiravam no esquema conceitual da Antropologia (sociedades de folk tradicionais, rurais em oposição às sociedades modernas)⁷; e dos outros, de orientação sociológica, que viam na ação progressista do setor médio-classista o mote pelo qual suas sociedades seriam induzidas a um desenvolvimento espontâneo.⁸ Dentro desta última orientação, o

subdesenvolvimento seria devido a fatores múltiplos, como a falta dos valores das sociedades avançadas, em especial o espírito empresarial capitalista.⁹

Darcy criticava o vizo europeu que confundia as imagens medievalistas com as sociedades americanas do passado e do presente. Argumentava que as populações das Américas foram primeiro maciçamente degradadas pelo escravismo e compulsoriamente deculturadas e, em seguida, marginalizadas do sistema produtivo e imersas numa cultura da pobreza. Tais condições jamais permitiram o livre cultivo popular de crenças originais ou do tradicionalismo, a não ser através de cultos secretos ou de redefinições de crenças religiosas para servirem de base a rebeliões messiânicas. A tese da via espontânea do desenvolvimento que progrediria "por adições de traços modernizadores, até atingir a situações presentes nas sociedades capitalistas industriais convertidas em modelos ideais de ordenação social", revelaria seu caráter conformista, a crença na superação espontânea do atraso, ao mesmo tempo que dissuadiria a tentativa de diagnosticar causas reais do atraso e a formulação de projetos intencionais de mobilização popular para o desenvolvimento generalizado de toda a população.¹⁰ A "mera descrição de contrastes" implica, segundo Darcy, a formulação normativa de doutrinas desenvolvimentistas que denotam uma intervenção limitada no sistema econômico, destinado antes a preservá-lo que a transformá-lo.

Para o autor, o principal fruto desta orientação é o desenvolvimentismo, que em sua forma oficial mais cautelosa pode ser exemplificado pela produção dos peritos cepalinos e de outros órgãos governamentais, e em sua versão reformista mais ousada por Hélio Jaguaribe, Celso Furtado e outros.¹¹

No caso da antropologia, a definição do atraso pelo caráter e cultura dos latino-americanos ajuda a enquadrar os antropólogos como conselheiros de programas assistenciais.¹²

Quanto ao marxismo dogmático, Darcy dirigia a crítica não aos europeus ou norte-americanos, mas aos marxistas latino-americanos. Para estes, o atraso no continente corresponderia a uma etapa no processo de evolução irreversível das sociedades humanas. A busca dos resíduos feudais no passado ou no presente corresponderia a um desses esforços interpretativos. Essa modalidade de marxismo não desenvolve contudo um esforço autêntico para indicar fatores causais e condicionantes da dinâmica social. Estas formulações serviriam para demonstrar a universalidade da obra de Marx. Pregavam o esforço modernizador de erradicação dos restos feudais e a própria consolidação do capitalismo como estágio necessário para a América Latina.¹³

Darcy Ribeiro propunha-se a explicar o desenvolvimento desigual a partir do caráter sócio-econômico, do caráter histórico-cultural e do caráter conjuntural das sociedades humanas. A avaliação dos fatores dinâmicos da evolução das sociedades humanas e os condicionamentos sob os quais estes atuam permite demonstrar, segundo ele, que as sociedades contemporâneas são componentes ricos e pobres de um sistema econômico de âmbito mundial.

O elemento fundamental desta visão é a própria concepção do subdesenvolvimento como produto do desenvolvimento de outros povos, alcançado mediante a explicação dos demais, e como efeito da apropriação dos resultados do progresso tecnológico por minorias privilegiadas dentro da própria sociedade subdesenvolvida.

As páginas que se seguem propõem-se igualmente a sistematizar os conceitos de desenvolvimento aplicados à América Latina. Pretende-se, além disso, rastrear e revisitar as formulações sobre o desenvolvimento do continente pelos geógrafos, historiadores, economistas, sociólogos e antropólogos europeus. A opção pelo conceito de desenvolvimento deve-se exatamente ao fato de que é esta a questão mais central de quantos estudos se têm produzido sobre a economia do continente.¹⁴

A ATMOSFERA INTELECTUAL DO SÉCULO XIX

Ao desembarcar, em 1799, em Cumaná, na Venezuela, com o botânico Aimé Bonpland, Alexander von Humboldt dava início à obra de descrição científica moderna do continente. O interesse do explorador centrava-se na explicação de uma parte da bacia do Orinoco, o descobrimento da bifurcação do Casiquiare e o estudo dos vulcões do Equador e da América Central. Humboldt, no entanto, foi o primeiro a registrar uma opinião sobre a distribuição geográfica do desenvolvimento na América, subsistente por mais de cento e cinquenta anos. No texto publicado como resultado das suas pesquisas, que duraram até 1804, Humboldt afirmava a propósito dos países do continente quecomarcas desertas ou habitadas por povos selvagens cercam hoje os países conquistados pela civilização européia.¹⁵

Em outra obra, Humboldt assinalava que ao observador, a natureza pura não encerrava outro interesse a não ser aquele que em si mesmo tem a Natureza. E a América oferecia plenamente este espetáculo, posto que *não abrigava antigos povoadores, não dispunha de registros em pedra lavrada nem dispunha de uma raça extinta. Apresentava-se como teatro selvagem onde se exhibia livremente a*

*vida dos animais e das plantas*¹⁶. Afora a desconsideração de Humboldt quanto à existência de todos esses elementos no México e no Peru, havia uma classificação mais detalhada da distribuição do desenvolvimento: as planícies da América Meridional representavam um *limite à semi-civilização importada da Europa. De um lado [ao norte, entre a cadeia da Venezuela e o mar das Antilhas], encontravam-se cidades industriais e campos cultivados com esmero, o sentimento da arte, o estudo da ciência, e o nobre amor da liberdade política. Ao sul, ao contrario, uma espantosa solidão: bosques impenetráveis, crocodilos, jibóias*. E em meio dessa natureza grande e selvagem estavam as raças humanas, muito diversas: os stomakos e jaruros comedores de formigas, goma e terra, e outros, que, aliás, segundo Humboldt, seriam as fezes da espécie humana, já que, como os animais, os índios nas lutas entre si bebiam sangue dos inimigos com avidez horrível.¹⁷

Humboldt distinguia na América duas regiões cujo grau de desenvolvimento era ditado pelo critério da maior ou menor inserção na civilização européia. Sua classificação era mais cultural que econômica. Por outro lado, aquelas regiões da América que importaram hábitos europeus eram por ele consideradas semi-civilizações, pois não participavam de modo pleno da produção espiritual européia

Esse caráter cultural das considerações de Humboldt, por seu turno, adequava-se ao ambiente mental do final do século XVIII, no qual o autor se formou. A Alemanha que Humboldt conheceu no último quartel do século XVIII é a do **Sturm und Drang**, a Alemanha de Goethe, Hölderlin, Schiller, dos românticos.

Esse mesmo ponto de vista fora empregado por Hegel, para quem as principais características dos nativos americanos eram uma disposição gentil e desapaixonada, falta de espírito e uma humilhante subserviência em relação ao crioulo, e ainda mais em relação a um europeu. E acrescentava: a inferioridade destes indivíduos sob todos os aspectos, mesmo com respeito ao tamanho, é muito manifesta. Hegel destacava ainda que os negros eram mais suscetíveis para com a cultura européia do que os índios. Aquilo que de fato seria objeto de interesse na América não passava para ele de uma emanção da Europa.¹⁸

Hegel destacou as diferenças entre a América do Norte e a América do Sul [ibérica]. Na primeira havia, segundo ele, um próspero estado de coisas, um crescimento da indústria e da população, ordem civil e firme liberdade; na segunda, existiam repúblicas sob o mando militar, revoluções constantes toda a história delas [das repúblicas] tem sido uma revolução contínua. Hegel notou algumas

disparidades especialmente na religião (católica x protestante), e quanto às etnias dos colonizadores: a América do Sul foi conquistada; a América do Norte, ao contrário, foi colonizada inteiramente por europeus. A afirmação de Hegel segundo a qual a América é, portanto, a terra do futuro, refere-se aos Estados Unidos, e não às Américas de modo geral.¹⁹

Destas perspectivas comunga ainda Darwin. Ao passar por Lima em 1835, Charles Darwin relatou o estado de anarquia que encontrou na capital peruana. Referia-se ele à disputa pela supremacia do poder entre quatro chefes militares, o que, em meio a descrições sobre formação geológica, correntes marítimas, fauna e flora, consolidava as observações de Hegel feitas dez anos antes. Darwin narrou que os habitantes, *tanto aí [em Callao], como em Lima, apresentam todas as gradações imagináveis de mistura entre europeus, negros e índios. Parecem um punhado de gente depravada e embriagada*. Estas observações falam por si.²⁰

Tributários dessa mesma atmosfera intelectual das primeiras décadas do século XIX, encontramos Marx e Engels.

Em 1848, Engels declarava sua satisfação pela conquista do México, já que, para ele,

Também constitui um progresso que um país ocupado até o presente, exclusivamente, de si mesmo, devastado por constantes guerras civis e onde qualquer desenvolvimento era impossível, um país que, na melhor das hipóteses, estava para se tornar vassalo industrial da Inglaterra, que um país nessas condições seja lançado, pela violência, no movimento histórico. É no interesse de seu próprio desenvolvimento que o México estará, de agora em diante, sob a tutela dos Estados Unidos. É no interesse do desenvolvimento de toda a América que os Estados Unidos, mediante a ocupação da Califórnia, obtém o domínio sobre o oceano Pacífico²¹

E numa carta de 2 de dezembro de 1854, Marx escrevia a Engels que

Os espanhóis estão completamente degenerados. Mas, ainda, assim, diante de um espanhol degenerado, um mexicano constitui um ideal. Todos os vícios, a fanfarronice, a bravata e o dom-quixotismo dos espanhóis elevados à terceira potência, mas, de nenhuma maneira, com a solidez que esses possuem.²²

Os dois textos falam por si. Revelam o débito destes autores para com Hegel. Apesar das diversas defesas dos textos, à guisa de desculpas - "isso não é o melhor de Marx - o fato é que eles pensaram a América à maneira hegeliana, incapazes de ver as especificidades continentais. Afinal de contas, foi o próprio Hegel quem previu um conflito entre a América do Norte e do Sul. Além disso, não apenas a América, mas também o Oriente foi pensado dessa maneira por Marx.²³

Contudo, estes textos, considerados marginais às grandes obras, não tiveram qualquer repercussão, e não se tornaram referência para ninguém. Não fizeram escola. São antes a manifestação epocal dos autores, demonstrando as dificuldades de alhear-se do espírito de seu tempo, que via com largas reservas os povos periféricos à Europa. Certamente, isto não é o melhor de Marx. O que ficou de sua obra é exatamente o inverso: o ativismo político exercitado e pregado por ele e Engels foi na verdade o que sobreviveu até nós: sua alma libertária, nas palavras de José Aricó.²⁴ E foi mesmo com estes instrumentos que se lutou contra toda a forma de opressão na América Latina.

DA GEOGRAFIA À HISTÓRIA

A partir de meados do século XIX, com o avango imperialista das potências européias, ocorreu um extraordinário afã de exploração. Toda essa produção, contudo, encontraria campo fértil para se desenvolver na França e na Alemanha. Apoiando-se nos trabalhos de Darwin, Comte e de Marx, Friedrich Ratzel [1844-1904] e Vidal de la Blache [1845-1918] construíram os alicerces da moderna geografia servindo-se dos estudos anteriores dos exploradores. Historiador de formação, La Blache atribuiu à geografia a missão especial de pesquisar como as leis físicas e biológicas que regem o mundo se combinam e se modificam ao se aplicarem às diversas partes da superfície do globo. Ainda em vida, sua cátedra na Sorbonne foi dividida em uma cadeira de geografia física, ocupada a partir de 1909 por Emanuel de Martone [1873-1955], e outra de geografia humana, ocupada a partir de 1912 por Albert Demangeon [1872-1940]. Esses dois discípulos foram responsáveis pela direção da obra monumental 23 volumes *Géographie Universelle*, publicada entre 1927 e 1946, ponto máximo dessa corrente.²⁵

Nessa obra, começaram a ser apresentados os novos postulados acerca do desenvolvimento do continente americano. Pierre Denis e Max Sorre, ao lado de nomes da própria América, descreveram o cenário.

Quanto aos países andinos, Pierre Denis fez uma descrição munuciosa deles por regiões. Apresentava aqui e ali as vantagens da presença das firmas e instituições estrangeiras. Ao lado de considerações econômicas importantes como a da orientação da vida econômica da América do Sul para os mercados do ultramar, Denis concluía que *la división del continente en diez estados soberanos es una consecuencia de la dispersión de los centros de actividad económica. (...) A Sudamérica le ha faltado el poderoso factor de colonización que ha actuado en las llanuras centrales de los Estados Unidos.*²⁶ Citava ainda Humboldt, concordando com a irregularidade da distribuição do progresso. De qualquer modo, a idéia de

conquista dos espaços vazios, selvagens ou atrasados, pela cultura européia ou pelo desenvolvimento econômico subjaz a todos os seus comentários.

Max Sorre não faz senão repetir sobre o México o que já foi dito:

(...) con la estructura geográfica que hace difíciles las comunicaciones interiores, con el caracter semidesértico de gran parte del territorio, con la fusión incompleta de razas ... la repartición de la propiedad contribuye a explicar lo que hay al mismo tiempo de desigual y incompleto en el México contemporaneo.²⁷

Mas ao final do texto, o autor fala em nacionalização dos esforços e sua convergência para fins propriamente mexicanos, sem defini-los.

No Brasil, um eminente representante dessa escola foi Pierre Monbeig, professor de Geografia Humana da USP, que em 1940 assim se expressava, acerca das plantações de cacau do sul da Bahia:

As condições geográficas, isto é, os obstáculos opostos ao povoamento pela vegetação e pelo clima, unidos às influências históricas [a escravidão], ... permitiram a coexistência de duas economias completamente diferentes, de duas sociedades que se ignoram: nas cidades grandes uma minoria na qual predomina o elemento branco, vivendo no ritmo do mundo, europeu ou norte-americano; ... de outro, nas cidades pequenas, vivendo em compartimentos estanques, possuindo pouco necessário, nada comprando nem vendendo diretamente ao mundo exterior, conservando-se no estágio da economia fechada e do artesanato...O desequilíbrio entre os dois elementos da população é particularmente sentido nos estados do Norte do Brasil, muito menos no Sul. É tentador fazer o contraste entre o norte e o sul.²⁸

As opiniões mais rigorosas acerca da dualização apareceram após a Segunda Grande Guerra.

Apontando os esforços do nacionalismo emergente para formar uma verdadeira unidade uma nação, uma geógrafa desenvolveu uma crítica ao modelo de exploração colonial de um único produto, ao latifúndio, em contraste [leia-se oposição] com a massa da população subalimentada vivendo sob condições miseráveis. Outro problema lucidamente levantado é o fato de os governos preferirem criar pequenas propriedades com as terras disponíveis dadas a colonos a dividir as antigas.²⁹

No entanto, o ponto culminante da corrente sócio-econômica da geografia no pós-guerra apareceu nos textos de Pierre George e Yves Lacoste, que, ao lado da tradição de toda a geografia humana francesa, incorporaram as reflexões de sociólogos e economistas que também viram o continente de forma dualista. Conceitos novos como Terceiro Mundo e Subdesenvolvimento surgiram então e tornaram-se correntes.

O ponto de vista de Pierre George é o de que a aparição do subdesenvolvimento foi simultânea ao crescimento demográfico cujo ritmo não foi compensado com o crescimento econômico, primeiro em razão da queda da mortalidade e depois com a manutenção da natalidade. O subdesenvolvimento procederá assim da introdução do sistema capitalista no seio de sociedades ancilosas em estruturas sociais menos evoluídas.³⁰

Yves Lacoste é mais rigoroso, e participou de modo mais ativo do debate. Para ele, a causa primeira do subdesenvolvimento que são os exorbitantes poderes dos privilegiados é ao mesmo tempo o principal freio que impede a realização de um verdadeiro esforço de desenvolvimento, e o entrave que pode ser mais rapidamente quebrado.³¹ Lacoste destacava os caracteres consitutivos do subdesenvolvimento: insuficiência alimentar, a fraqueza da agricultura e dos recursos naturais médios e dos níveis de vida, uma industrialização reduzida, um fraco consumo de energia mecânica, uma situação de subordinação [dependência] econômica, setor comercial hipertrofiado, estruturas sociais atrasadas [vassalagem, clientelas "semi-feudais", servidão por dívida], fraco desenvolvimento da classe média, fraca integração nacional, isto é, diversos graus de heterogeneidade internas, economia moderna x economia tradicional. Esta última resistiu com todas as suas forças de inércia às penetrações exteriores que tentassem romper seu equilíbrio. É ainda sub-emprego, baixo índice de alfabetização, alta taxa de natalidade e estado sanitário precário.³²

Terceiro Mundo, "nações proletárias", "proletariado externo do Ocidente"; expressões diferentes para o mesmo fenômeno: o subdesenvolvimento.³³

Os historiadores franceses ligados ao grupo dos Annales beneficiaram-se dos resultados das pesquisas geográficas do século XIX e início do XX. Aliás, os primeiros números dessa revista traziam contíguos artigos de Lucien Febvre e Albert Demangeon, para citar dois titãs de campos diferentes. E foi certamente dessa frutífera convivência que as reflexões sobre o continente caminharam para a convergência. A própria **Géographie Universelle** tornou-se fonte obrigatória para esse primeiro momento da escola historiográfica francesa, e os autores citam-se uns aos outros:

Deux Amériques du Sud. L'une, celle de la flèche empoisonnée, du hamac, de la hutte quadrangulaire: on l'étude au Trocadéro. L'autre, celle des buildings, des banques, des puissantes journaux: elle s'inscrit dans les statistiques et les guides de tourisme".³⁴

Todos esses trabalhos, além disso, serviram de fonte para os sociólogos como Lambert, que será visto em seguida.

A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLOGIA E DA HISTORIOGRAFIA FRANCESAS DO PÓS-GUERRA

Em 1968 apareceu na França a segunda edição do livro **Amérique Latine; structures sociales et institutions politiques**, de Jacques Lambert. O autor propunha-se a proceder a uma análise das causas profundas dos problemas do continente. Tornou-se obra de referência não apenas para os sociólogos, como também para historiadores e economistas. As primeiras páginas não apenas traçam o plano geral da obra como lançam as premissas das quais serviu-se o autor.

No que respeita à frustração da formação de uma federação latino-americana, Lambert apontou como causa os *intransponíveis obstáculos geográficos*: o relevo e a dispersão do povoamento *tornaram impossível qualquer outra comunicação permanente*. O Brasil fugia à regra porque *as condições geográficas e as circunstâncias da independência ofereciam possibilidades de unico analogas às da América anglo-saxônica*.³⁵

Como Hegel, Lambert destacava a diferenciação da evolução econômica, social e política entre a América do Norte e a América Latina nas colonizações diferentes (exploração x povoamento)os norte-americanos eram europeus: não havia população indígena numerosa passível de escravização e os estados do Sul que empregavam mão-de-obra africana eram cada vez mais minoritários. Então, responsabilizando pelo atraso econômico e social da América Latina independente a colonização de exploração, o autor produziu um trecho lapidar, que assentou de modo definitivo o conceito de dualismo estrutural:

Saída destas colonizações, a América qualificada de Latina é antes uma América latinizada; suas populações de origem diferente se tornaram por quase cinco séculos de vida comum e mestigagem e se uniram pelo desenvolvimento de um sentimento nacional cada vez mais geral, mas tinham sido divididas em duas facies sociais que nco se encontravam ainda completamente: uma, sobretudo rural, cujas estruturas arcaicas instauradas pelos dominadores coloniais quase não haviam começado a se modernizar [leia-se industrializar] antes dos anos 1930 em muitos países; outra, muito particularmente urbana, cujos membros, que não foram primeiramente senão os crioulos, nunca deixaram de acompanhar a evolução do mundo norte-atlântico. Esta facies social evoluída não cessou de alastrar-se desde os anos 1930, e é geralmente hoje com grande desproporção a mais importante, mas quase todos os países latino-americanos possuem ainda uma estrutura social dualista, em que coexistem estruturas pré-nacionais arcaicas, análogas às dos países subdesenvolvidos da Ásia ou África, e estruturas evoluídas análogas às dos países desenvolvidos do mundo norte-atlântico.³⁶

Se de um lado Lambert observava um sucesso da convivência das culturas, entre os elementos religiosos das culturas européias, indígenas ou africanas, inclusive com a preservação e difusão da língua dos Guaranis no Paraguai pelos jesuítas e franciscanos, e na Guatemala uma parte da população maia mantendo

traços característicos da sua alta cultura pré-colombiana ao assimilar as técnicas agrícolas européias, de outro a integração das populações africanas e ameríndias ao desenvolvimento econômico e social da sociedade de origem européia implicava, para o autor, o abandono da sua própria cultura. E isto se apresentava como um dilema para os governos latino-americanos: preservar as culturas indígenas, implicando a manutenção do seu nível de vida miserável, ou integrar a nação, o que acarretaria um genocídio cultural.

Além disso, essa mesma estrutura de terceiro-mundo vale dizer, desigualmente desenvolvido, seria a responsável pela instabilidade política do continente.

Para Jacques Lambert, a solução repousaria na integração nacional, para fazer funcionar de modo regular as instituições democraticamente representativas com respeito de modo permanente da sua legalidade constitucional.³⁷

O sociólogo francês nutriu-se de fontes que tornaram-se recorrentes: BOECKE, SCHATZ, MYRDALL, HIRSCHMAN, PERROUX, CEPAL, para o dualismo social. Quanto às obras de caráter geral, as fontes eram comuns aos historiadores: FRIEDMANN, ROUMA, NIEDERGANG, RIEMENS, RUDEL, HANKE, FITZGIBON, além da mesma CEPAL.³⁸

Entre os historiadores do período mais recente, o casal Beyhaut resumiu bem a posição dos franceses:

Viajar en América Latina es, entre otras cosas, un modo de rescatar el pasado: se poderan encontrar restos de pueblos primitivos;... en otros lados se evocará al siglo 19 y finalmente, en las grandes urbes modernas, se podrán apreciar múltiples manifestaciones que corresponden a los mas recientes cambios de las sociedades industriales³⁹

De Lucien Febvre ao casal Beyhaut, há uma imagem que teima em permanecer, que atrai bastante e seduz muitos, exatamente porque nela ha algo de verdadeiro e inescapável.

A visão do dualismo, contudo, alterou-se, e a oposição entre os dois pólos foi substituída pela sua complementaridade. Assim é que, Alain Rouquié, ao estudar o militarismo no continente, assinalou a *articulação de duas faces complementares de uma mesma dominação. A permanência do pólo tradicional, arcaico, explica-se justamente pelo desempenho do pólo moderno.*⁴⁰

Do mesmo modo, Alain Birou, ao analisar a agricultura latino-americana, constatou que o mundo rural que aparece ao olhar imediato como mais ou menos

mal integrado à sociedade nacional, constitui senão uma face, *morcelée en multiples facettes, de la réalité socio-économique et socio-politique d'ensemble. Et la marginalité de la grande masse des paysans, dont on parle tant, n'est pas un phénomène marginal mais la répercussion sur les couches sociales les plus basses des modes de structuration d'ensemble de la société.*⁴¹

Vinte anos depois do surgimento do texto de Lambert, Alain Touraine publicou outra obra, igualmente monumental, sobre o continente. Traz ela a visão modificada, mas para ele ainda válida da dualização, que significa a capacidade limitada de integração econômica e social do país moderno.⁴²

Ao passar em revista os aspectos gerais do continente, este autor levantou seus elementos negativos e positivos. Aos primeiros, ele relacionou a dependência econômica em relação ao exterior dívida externa, capitais externos investidos em indústrias que produzem bens duráveis para uma limitada população, isto é, a elite e a dependência cultural, ambas responsáveis pela criação de um capitalismo limitado e dependente, caracterizado por um importante setor informal, por crescimento econômico sem integração social nem diminuição de desigualdades. Aos segundos, alinha as taxas de crescimento superior ao conjunto dos países da Organização da Comunidade de Desenvolvimento Européia, a extraordinária capacidade de adaptação e de recuperação da maioria dos países do continente, apesar do preço elevado pago por tal esforço, o aumento do emprego urbano moderno [leia-se não *tradicional*] no emprego total, o desenvolvimento da produção industrial, a diminuição da taxa bruta de natalidade e de mortalidade infantil. Assim, para Touraine, através da dependência e da desigualdade, a América Latina entrou num movimento acelerado de industrialização e de urbanização.

Touraine concluiu por detectar no continente um modo de desenvolvimento latino-americano, caracterizado, no nível social, pela segmentação das categorias sociais a heterogeneidade estrutural da sociedade, na expressão de Aníbal Pinto e sua dualização, isto é, sua oposição entre um setor moderno e um setor tradicional, e mais largamente, a oposição entre os que participam da produção e do consumo modernos, e os que deles são excluídos. Ademais, a grande capacidade de investimento corresponde a uma muito grande mobilização, manifestada seja pela intensidade das migrações internas, seja por uma urbanização acelerada pelas intervenções do Estado. A contrapartida a tudo isso são as vastas zonas de exclusão, e ainda uma forte participação político-cultural envolvendo grande parte da população urbana. Touraine acrescenta ainda que a cada uma das dimensões principais desse modo de desenvolvimento dependente corresponde uma característica da ação social e política. Tem-se, assim, como decorrência da

segmentação das categorias, os sindicatos das grandes empresas, mais fortes que as próprias federações e confederações sindicais. A fragilidade das classes sociais representaria a ausência de correspondência entre situação objetiva e capacidade de ação.

A América Latina, para o autor, vive com isso uma simultaneidade de etapas de evolução: sociedade rural, mercantil, industrial ou até pós-industrial coexistindo nos países histórica e geograficamente.

Afirme-se categórica e sonoramente: o dualismo é um fato irretorquível. Não a pretensa dualidade do tradicional em oposição ao moderno. Dual é a realidade da distribuição da riqueza no continente. Há uma América opulenta, cujos proprietários são classes ou grupos específicos em cada país. E há uma América miserável, muitas vezes marginalizada, mantida nesta condição por e a serviço daquela. Na América chamada Latina é permitida a paráfrase bíblica: a quem muito tem, tudo é dado; a quem pouco tem, até este pouco lhe é tirado (Mc, 4, 25). Este tem sido há cinco séculos nosso processo inacabado de conquista.

NOTAS

¹ BRAUDEL, Fernand. *Civilización material, económica y capitalismo*. Madrid, Alianza Editorial, 1984. Cf. FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *O índio brasileiro e a revolução francesa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1937. Sobre a invenção da América cf. O'GORMAN, Edmundo. *La invención de la América*. México, Fondo de Cultura Económica, 1957. COCCHIARA, Giuseppe. *Il mito del buon selvaggio*. Messina, 1948. As fontes mais gerais da crença nos seres fabulosos eram, entre os gregos e romanos, a própria mitologia, que povoava rios, lagos, bosques, mares e montanhas com ninfas, faunos, sereias, sagitários, para citar os mais conhecidos. Homero e Hesíodo arrolaram os mitos. Heródoto, Estrabão, Plínio, Plutarco inseriram alguma fabula nas suas histórias, e durante a Idade Média, Isidoro de Sevilha e Roger Bacon mantiveram estas idéias. Marco Polo e Mandeville ajudaram a sustentar a existência de lugares e pessoas exóticas ao publicarem suas narrativas de viagem. À medida em que as regiões mais próximas à Europa tornavam-se conhecidas e desmistificadas os europeus afastavam para lugares cada vez mais longínquos esses seres fabulosos, habitantes de seus sonhos.

Pierre d'Ailly [1350-1420], reitor da Universidade de Paris e bispo de Cambrai sistematizou o conjunto de seres fantásticos na sua obra *Ymago mundi* [Paris, Maisonneuve, 1930]. Ailly descreve a Índia como pátria dos macróbios, dos homens gigantes, dos cenofevros, homens de um só pé, mas mais rápidos que a brisa, dos carismaspi, com um olho só, além dos homens com rabo, que Colombo diz existirem nas terras que descobrira. Esse relato é de Navarrete nas *Colección de los viajes*, v.1, p. 337. Estes mesmos relatos são ainda encontrados em PINTO, Fernão Mendes [1509-1580]. *Peregrinações*, de Fernão Mendes Pinto em que dá conta de muitas e mui estranhas coisas que viu e ouviu no reino da China, no da Tartária, no de Sornau, que vulgarmente se chama Sião, no de Calaminhã, no de Pegu, no de Mortavão e em muitos outros reinos e senhorios das partes orientais, de que nestes nossos do ocidente há muito pouca ou nenhuma notícia. E também da conta de muitos casos particulares que aconteceram assim a ele como a outras muitas pessoas. E no fim dela trata brevemente de algumas coisas e da morte do Santo Padre Mestre Francisco Xavier, única luz e resplendor daquelas partes do oriente, e Reitor nelas, universal da Companhia de Jesus. Escrita pelo mesmo Fernão Mendes Pinto. Dirigida à católica real majestade del rei D. Filipe, o terceiro deste nome, nosso senhor. [a primeira edição é de 1614; houve edições ainda em 1687, 1711, 1725 e 1762; em 1829 foi feita nova edição revista pelo arcebispo de Lacedemônia; esta obra

foi traduzida para o francês, inglês, alemão e espanhol]. A tradição de descrever seres fabulosos foi seguida ainda por VASCONCELOS, Simão de [1597-1671]. *Crônica da Companhia de Jesus no Brasil, e do que obraram seus filhos nesta parte do mundo*. [primeira edição de 1663, e segunda de 1865 (Lisboa, Fernandes Lopes)]. Simão de Vasconcelos relaciona os macróbios, identificando-os com os curinqueans, com dezesseis palmos de altura, no Brasil. LÉRY, Jean de [1534-1611]. *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* [1578]. Léry situa os índios gigantes na Patagônia, idéia que encontraria eco em Hegel, nas suas Preleções sobre a Filosofia da História. Ainda sobre índios gigantes, canibais e as Amazonas, cf. NÓBREGA, Manuel da. *Cartas do Brasil*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1931. p. 98 ["os Gainamés são como gigantes"]; ACUÑA, Cristóval de [1597-1676]. *Nuevo descubrimiento del gran río de las Amazonas*. Madrid, 1641. [Acuña situava os índios gigantes, de 16 palmos de altura, às margens do Purus; esta obra teve traduções em francês (1682) e em inglês (1698)]; RICHSHOFFER, Ambrosio. Diário de um soldado da Cia das Índias Ocidentais. Recife, Laemmert, 1897. [o autor declara que viu morto num campo de batalha um índio gigante "tendo uma fortíssima dentadura, com duas ordens de dentes em cima e em baixo"]. MOCQUET, Jean. *Voyage en Afrique, Asie, Indes Orientales e Occidentales*. 1616; LA CONDAMINE, Charles M. de [1701-1774]. *Voyage dans l'Amérique Méridionale*. Paris, 1745/78. Cf. ainda, sobre os canibais, DIDEROT, no verbete da Encyclopédie. Sobre os upupiaras, os homens peixe, ha as descrições de SANTA CRUZ, Alonso de. [piloto da expedição de Cabot] apud CASTRO, Eugênio de. *Diário de navegação de Pero Lopes de Souza*. Rio de Janeiro, 1927. Sobre os homens acéfalos, que tinham os olhos nos ombros e dois buracos no peito em lugar das bocas e narizes, ver MONTAIGNE, Essais, livro I; SHAKESPEARE, Othello, I-III, 144-5; CAMÕES, Os Lusíadas, VII, 21; THEVET, André. *Singularités de la France Antactique*. [Paris, Maisonneuve, 1878 e *Cosmographie Universelle*. SCHMIDEL, Ulrich. *Voyage curieux dans l'Amérique ou le Nouveau Monde*. [Paris, 1837].

² Houve três edições francesas em 1505, duas em Paris e outra em Strassbourg [*De Ora Antarctica*, ed. E. Ringman]. A segunda edição em latim deu-se em 1504 e não determina o lugar em que foi impressa, e a terceira edição latina apareceu imediatamente depois em Augsburg. Foi inserida ainda na coleção *Paesi nuovamente ritrovati* de Montalbodo, em 1507, o mesmo ano em que Martin Waldseemüller publicou sua *Cosmographiae Introductio*. Afonso Arinos estabelece a relação entre esta carta e a bula de Paulo III, *Veritas ipsa*, de 9 de junho de 1537, segundo a qual os índios foram considerados humanos.

³ A Utopia foi publicada em 1516, em latim, em Lausanne. O pai de Morus inclusive fora o tradutor para o inglês da relação escrita por Damião de Góes (*Crônica de D. Manuel*. cap. 58-63.) da visita de uma embaixada do Preste João a D. Manuel. A tradução inglesa da Utopia saiu em 1551.

⁴ Erasmo e Morus foram as fontes básicas de Rabelais para compor a filiação de Pantagruel (livro II, cap. II). Segundo Rabelais, a mãe de Pantagruel, casada com Gargântua, era uma princesa Badabec, filha do rei dos amaurotenses, habitantes da cidade de Amaurote, capital da Utopia..

Mais variadas foram as fontes de Montaigne, que se aproveitou dos relatos dos viajantes franceses Thevet e Léry. Montaigne [1532-1592] foi o autor que serviu de base não apenas para Raynal e Rousseau, mas também para Shakespeare. Raynal [Guillaume Thomas François, 1713-1796] tornou-se o autor francês mais lido e de maior sucesso entre 1770 e 1780. Raynal empreendeu muitos ataques à política européia, ao clero e à Inquisição. Em 1781 o Parlamento francês ordenou que sua obra fosse queimada, que se prendesse o autor, e que seus bens fossem confiscados. Raynal fugiu para junto de Frederico II e depois acolheu-se à proteção de Catarina II. Em 1787 foi-lhe consentido voltar à França. Em Rousseau encontramos o termo que tornou-se clássico: o bom selvagem. Fechava-se, assim, a trajetória de uma vertente de pensamento, de ilusões e esperanças sobre uma parte da América.

Sobre as fontes bibliográficas do Ensaio referente aos canibais ver CHINARD, Gilbert. *L'exotisme Américain dans la littérature française au XVIème siècle*. Paris, 1911.p. 193 e ss. O texto de Montaigne é o "Des Cannibales" (*Les Essais*, liv. I, cap. 30). Cf. também LAFITAU, Joseph François. *Histoire des découvertes et conquêtes des Portugais dans le Nouveau Monde*. Paris, 1773. De Raynal é a obra *Histoire philosophique e politique des établissements e des conquêtes européennes dans le deux Indes*.

⁵ RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização*; estudos de antropologia da civilização. Petrópolis, Vozes, 1977; a primeira edição é de 1970 [Rio de Janeiro, Civilização Brasileira], mas o texto foi escrito em 1967, revisto e ampliado em março de 1968.

⁶ LIPSET, S. M. *El hombre político*. Buenos Aires, 1964; BOECKE, J. A. *Economics and economic policy of dual societies*. Nova York, 1953; SILVERT, K. H. *La sociedad problema*. Buenos Aires, 1962; GERMANI, Gino.

Política y sociedad en una época de transición. Buenos Aires, Paidéa, 1962; LAMBERT, Jacques. *Os dois Brasis*. MORAZI, Charles. *Les trois âges du Brésil*. Paris, 1954; HIRSCHMAN, Albert D. *Controversia sobre América Latina*. Buenos Aires, 1963; EISENSTADT, S. N. Modernización: crecimiento y diversidad. in: *Desarrollo económico*, Buenos Aires, 3(3); HEINTZ, P. *Sociología*. Buenos Aires, 1965; BOURRICAUD, François. *Poder y sociedad en el Peru contemporaneo*. Buenos Aires, 1967.

⁷ REDFIELD, Robert. *The folk culture of Yucatan*. Chicago, Chicago University Press, 1940; id. *Peasant society and culture*. *ibidem*, 1956; id. *El modo primitivo y sus transformaciones*. México, 1963; GILLIN, John. Ethos components in modern Latin America. in: *American Anthropologist*, 57, 1955; STEWARD, J. *Teoría y práctica del estudio de areas*. Washington, 1955.

⁸ JOHNSON, E. *Political change in Latin America*. 1958.

⁹ GERMANI, Gino. op. cit.; deve ser notada a influência, nesses estudos de orientação sociológica de livros como o de Talcott PARSONS. *The social system*. Glencoe, The Free Press, 1951; MERTON, Robert K. *Social theory and social structure*. Glencoe, The Free Press, 1949; HOSELITZ, *Sociological factors in economic development*. Glencoe, The Free Press, 1960. Especificamente sobre a América Latina: Economic growth in Latin America. in: *Contributions to the first international conference on economic history*. The Hayne Monton & Co., 1960; sobre os aspectos psicossociais da passagem do tradicional ao moderno, ver Everett Hagen. *On the theory of social change*. Housewood, Dorsey Press, 1962; McClelland, David. *The achieving society*. Princeton, Van Nostrand, 1961. Para uma apreciação sobre estas influências na sociologia Cf. Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro, Zahar, p. 17.

¹⁰ RIBEIRO, Darcy. op. cit., p. 17.

¹¹ JAGUARIBE, Hélio. *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político*. Rio de Janeiro, 1962; FURTADO, Celso. *Desarrollo y sub-desarrollo*. Buenos Aires, 1961; ECHEVARRÍA, J. Medina. *Consideraciones sociológicas sobre el desarrollo de América Latina*. Buenos Aires, 1964; PINTO, Aníbal. *Chile, una economía difícil*. Santiago, 1965; LEBRET, Joseph. *Manifiesto por una civilización solidaria*. Lima, 1961; SILVERT, K. H. op. cit.

¹² GILLIN, John. op. cit. Exceções apontadas por Darcy Ribeiro: CHILDE, Gordon. *Qué sucedió en la historia*. 1956, e *Evolución social de México*, 1964; WHITE, Leslie. *The evolution of culture*. Nova York, 1959; STEWARD, J. op. cit.; REDFIELD, R. op. cit.; FOSTER, George N. *Cultura y conquista*; la herencia española en la América. Xalapa, 1962; HEALTH, D. B. & ADAMS, R. N. (eds.) *Contemporary cultures and society of Latin American*. Nova York, 1965; e ainda o trabalho sobre descolonização de George BALANDIER. *Le Tiers Monde*; sous-développement et développement. Paris, P.U.F., 1956; sobre a cultura da pobreza de LEWIS, Oscar. *Los hijos de Sanchez*. México, 1964; id. *La Vida, a Puerto Rican family in the culture of poverty*. Nova York, 1966; quanto à reação à sociologia acadêmica que toma os Estados Unidos e a Europa como padrão normativo, Darcy Ribeiro indica os nomes de LYND, R. *Knowledge for what*, 1944; MILLS, C. Wright. *La imaginación sociológica*, 1961; MYRDALL, Gunnar. *And american dilemma*. 1944 e, *The political element in the development of economic theory*, 1953. Na América Latina, aponta os trabalhos de Pablo Gonzalez CASANOVA, Florestan FERNANDES, Fernando Henrique CARDOSO.

¹³ Representantes dessa corrente: SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação da sociedade brasileira*, 1944; id. *Introdução à revolução brasileira*, 1963; ARISMENDI, Rodney. *Problemas de una revolución continental*. Montevideo, 1962; PUIGGROS, Rodolfo. *Historia económica del Río de la Plata*. Buenos Aires, 1945. As críticas a esse modelo são encontradas em Caio PRADO Jr. *A revolução brasileira*. 1966; BARAN, Paul. *Capitalismo monopolista*. 1964; FRANK, Andre Gunder. *Capitalism and development in Latin America*. Nova York, 1962.

¹⁴ Uma análise acerca das visões da América no âmbito da literatura européia foi feita por Estuardo NÚÑEZ. O elemento latino-americano em outras literaturas. in: MORENO, Cisar Fernandes (coord). *América Latina em sua literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1979. p. 83-112.

¹⁵ HUMBOLDT, Alexander von & BONPLAND, Aimé. *Viaje a las regiones equinociales del nuevo continente*. Caracas, Ministerio de Educación Nacional-Dirección de Cultura, 1941. v. 2, p 294. A primeira edição alemã foi publicada a partir de 1807.

¹⁶ HUMBOLDT, A. von. *Quadros da Natureza*. Buenos Aires, Eduardo Perié, 1884.

¹⁷ Id., p. 18-9/45-9 (grifos meus; a expressão destacada está no livro I, cap. 19, p. 213)

¹⁸ Compare-se com a descrição da Galia, por César: *Horum [populorum] fortissimi sunt Belgae, propter quod a cultu atque humanitate <civilização refinada> provinciae longissime absunt, minimeque ad eos mercatores saepe commeant [destes povos os mais fortes são os belgas, seja porque a civilização refinada da província lhe esteja muito afastada, seja porque a eles os mercadores os visitem minimamente]; De bello Gallico*, I, 21-4. O mesmo comentário aparece no livro VI, 21-4, sobre os suevos. Igualmente as descrições de Estrabão acerca da Península Ibérica.

¹⁹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Philosophy of History*. Londres, Enc. Britannica, 1957. p.191-3.

²⁰ Ao longo do texto, Hegel usa indistintamente o termo América equivalendo a América do norte e à América em seu conjunto, com forte preferência pela primeira.

²¹ No episódio, o general don Luís de Orbegoso havia sido deposto pelo chefe da guarnição de Lima, o general don Pedro Bermúdez, em 4 de janeiro de 1834. Em 22 de fevereiro de 1835, com apoio do Norte e Centro do país, o general don Felipe Santiago Salaverry proclamou-se chefe supremo da República, permanecendo o Sul com Orbegoso. O quarto chefe era o presidente da Bolívia, Santa Cruz, chamado a intervir pelo ex-presidente marechal Gamarra, que apoiava Bermúdez. DARWIN, Charles. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo*. São Paulo, Abril Cultural, s.d. p.94. Considerem-se as emanções, no próprio continente, dessas teses, as clássicas interpretações que buscam a causa do atraso no clima ou na raça: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Conflicto y armonía de las razas en América*. Buenos Aires, 1915; BUNGE, C. O. *Nuestra América*. Barcelona, 1903; ARGUEDAS, Alcides. *Un pueblo enfermo*; contribución a la psicología de los pueblos hispanoamericanos. Santiago, 1937; VIANA, A. Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro, 1952. Outros realçam as qualidades negativas do colonizador, invertendo a discriminação: BONFIM, Manuel. *A América Latina; males de origem*. Paris, 1905; INGENIEROS, José. *Sociología Argentina*. Buenos Aires, 1913; RAMOS, Samuel. *El perfil del hombre y la cultura en México*. Buenos Aires, 1951.

²² MARX, K. e ENGELS, F. *Materiales para la historia de América Latina. Cuadernos de Pasado y Presente*. México, 1979, 30:183/189-97/202-4.

²³ op. cit., 203-4. Para as visões européias sobre o Oriente cf. SAID, Edward. *Orientalismo*; o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, Companhia das Letras, 1990 [Nova York, Pantheon Books, 1978].

²⁴ ARICÓ, José. *Marx e a América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. p.117.

²⁵ Para uma relação breve dos exploradores na América, cf. KRETSCHMER, Konrad. *Historia de la geografía*. 3.ed., Barcelona, Labor, 1942 [1.ed., 1926]. Para um exemplo de geografia do século XIX, DIDIER, L. *L'Amérique; anthologie géographique*. Paris, Ch. Delagrave, 1898; o autor apresenta tópicos como a coca, o lhama, os negros de Havana, uma revolução militar... O livro traz também um completo repertório das fontes dos exploradores. Para uma crítica aos autores e às obras, cf. DERRUAU, Max. *Tratado de geografía humana*. 5. e.d., Barcelona, Vicens-Vives, 1971. p.7 e ss.

²⁶ DENIS, Pierre. *Países Andinos*; Venezuela, Colombia, Ecuador, Peru, Bolívia y Chile. 2. ed., Barcelona, Montaner y Simón, 1948 [1.ed. espanhola de 1933] (Geografia Universal, v.21); cf. apêndice sobre a produção de banana e a United Fruit Co., na Colômbia, p.166-8; a bibliografia é do século XIX (exploradores), e das duas primeiras décadas do século XX. A citação esta em DENIS, P. *América del Sur*; Guyanas, Brasil. 2. ed., Barcelona, Montaner y Simón, 1947. [1.ed. 1928] (Geografia Universal, v.20).

Sobre a dissociação econômica e política entre as províncias do litoral argentino e as da montanha, e sua associação como fato recente, ver, na mesma coleção, v. 22, DAUS, Federico. *América del Sur*; Argentina. p.171; a Argentina é apresentada como país bem integrado regionalmente, não obstante diferenciações culturais em virtude das correntes distintas da colonização espanhola: a do Atlântico, com sede em Buenos Aires, e a do Pacífico, entrando pelo Peru e atingindo as províncias de Salta e Tucuman.

²⁷ SORRE, Max & FILATTI, Rosa. *México*; América Central, v. 18 da coleção, p. 65/191.

²⁸ MONBEIG, Pierre. *Ensaio de geografia humana brasileira*. São Paulo, Martins, 1940. p.182; grifo meu.

²⁹ BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. *L'économie de l'Amérique Latine*. Paris, P.U.F., 1949. p.123 e ss

³⁰ GEORGE, Pierre; GUGLIELMO, R.; LACOSTE, Yves; KRIEGER, B. *A geografia ativa*. 5.ed., São Paulo, DIFEL, 1980. P.52-64.

³¹ LACOSTE, Yves. *Géographie du sous-développement*. Paris, P.U.F., p.226. As fontes do texto são Amin, Balandier, Beaujeu-Garnier, Baumier, Lambert, Moussa, Niedergang, Nurkse, Perroux, Rudel, Sauvy. Sobre o dualismo agrícola cf. SCHULTZ, Theodore. A transformação da agricultura tradicional. Rio de Janeiro, Zahar, 1965; sobre a idéia do desenvolvimento por acréscimos de práticas capitalistas ver MYINT, H. *A economia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1966.

³² LACOSTE, Y. *Les pays sous-développés*. Paris, P.U.F., 1959. p.7 e ss.

³³ Cf. MOUSSA, P. *Les nations prolétaires*. Paris, PUF; id. *Les Etats-Unis et les nations prolétaires*. Paris, Seuil, 1965; para a diversidade de identificações do Terceiro Mundo, cf.: DUVERGER, Maurice. *Sociologie politique*. Paris, PUF, 1966 <Terceiro Mundo como o conjunto de nações subdesenvolvidas e não alinhadas a nenhum dos mundos desenvolvidos, capitalista ou socialista>; LACOUTURE, Jean. *Países del Tercer Mundo*. Madrid, Cid, 1963 <o Terceiro Mundo como o conjunto das nações que não passaram nem pela revolução liberal, capitalista e industrial dos séculos XVIII e XIX, e tampouco pela revolução socialista do século XX, e que procuram seu próprio caminho revolucionário>; BAUMIER, J. *Países del Tercer Mundo*. Madrid, Cid, 1963 <Terceiro Mundo porque não é nem capitalista nem socialista>; BALANDIER, Georges. *Le Tiers Monde; sous-développement et développement*. Paris, PUF, 1956 <Terceiro Mundo enquanto o conjunto de países entre os dois blocos de poder, em ascensão após a conferência de Bandung de 1955; Balandier é o autor do termo>; MENDE, Tibor. *La rebelión del Asia*. Santiago de Chile, Pacífico, 1954 <como o anterior>. Com relação às características dos países, ou melhor, do seu subdesenvolvimento também as descreveram: BALANDIER, G. op. cit.; BALANDIER, G. & SAUVY, A. *Cuaderno del Instituto Nacional de investigaciones Demograficas*, 1956, 27:289 e ss; GEORGE, P. *Sociologie et démographie*. Paris, PUF, 1966. Para uma análise do debate sobre o tema nos meios intelectuais franceses na década de 80, ver, do mesmo Lacoste: *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes*. Paris, La Découverte, 1985; há uma crítica muito contundente tanto às elites dos países subdesenvolvidos que se beneficiam dos recursos destinados a essas nações quanto aos movimentos de ajuda pura e superficial, como o Live Aid, organizado em 85 pelo cantor Bob Geldof.

³⁴ FEBVRE, Lucien. Pour comprendre l'Amérique Latine. in: *Annales*, Paris, 1934, 6:394-6; o autor sugere ainda a comparação entre os historiadores-geógrafos do seu tempo e os da antiguidade: *J'imagine l'histoire de l'occupation romaine sur le Rhin*; sobre isso, ver nota 18; a mesma idéia do autor em *Un champ privilégié d'études, l'Amérique du Sud*. in: *Annales*, 1929, 1:258-78.

³⁵ LAMBERT, Jacques. *América Latina; estruturas sociais e instituições políticas*. 2. ed., São Paulo, Nacional-EDUSP, 1979. p.8-11

³⁶ Id., p. 13.

³⁷ Id., p. 27-9.

³⁸ Os autores citados por Lambert como representativos do dualismo social são: BOECKE, J. H. *Economics and economic policy of dual societies*. Nova York, Institute of Pacific Relations, 1953 [ênfata o dualismo cultural de natureza diversa]; do ponto de vista do dualismo tecnológico: SCHATZ, S. P. *A dual economy: model of an underdeveloped country* in: *Social Research*, 1956; MYRDALL, Gunnar. *Economic theory and underdeveloped regions*. Londres, 1957; HIRSCHMAN, Albert O. *Investment policies and dualism in underdeveloped countries* in: *American Economic Review*, set.-1957; do ponto de vista de uma economia desarticulada como índice mais característico do subdesenvolvimento cita PERROUX, François. *Trois outils d'analyse pour l'étude du sous-développement*. in: *Cadernos do ISEA*; GANNAGÉ, Elias. *Économie du développement*. Paris, 1962 [dualismo social e político]; aplicados à América Latina, há os estudos do próprio Lambert: *Os dois Brasis*, São Paulo, 1959; sobre as classes sociais: CREVEÑA, Theo (dir.). *Materiales para el estudio de la clase media en la America Latina*. Pan American Union, 1950-1; JOHNSON, John. *Political change in Latin America*. Stanford, Stanford University Press, 1958 e DORSELAER, Jaime. *Le phénomène urbain et la crise tertiaire en Amérique Latine* Louvain, 1960, todos com ênfase no desenvolvimento da classe média; quanto aos estudos de caráter geral: SIEGFRIED, André. *Amérique Latine entre en scène*. Paris, Armand Colin, 1934; a partir da inclusão da idéia de Terceiro Mundo: MENDE, Tibor. *Amérique Latine*. Paris, 1959; ROUMA, Georges. *L'Amérique Latine*. Bruxelas, 1948; FRIEDMAN, George. *Problèmes d'Amérique Latine*. Paris, 1959; VEGA, Luis Mercier. *Mécanismes de pouvoir en Amérique Latine*. Paris, P.U.F., 1967; NIEDERGANG, Marcel. *Les vingt Amériques Latines*. Paris, 1962; cuidando mais das perspectivas futuras do continente e sugerindo soluções: GOZARD, Gilles. *Demain l'Amérique Latine*. Paris, 1965; BEALS, Carleton. *L'Amérique Latine, monde en revolution*. Paris, 1966; RUDEL, Christian.

L'Amérique Latine; entre hier et demain. Paris, Centurion, 1965 [responsabiliza o latifúndio e a monocultura pelo subdesenvolvimento, e procede à análise das reformas em curso no continente, em tom otimista para reverter o quadro]; FURTADO, Celso. *L'Amérique Latine*. Paris, 1971. Na edição de 1975, Celso Furtado incorpora os autores da segunda fase dos Annales como MAURO, Frédéric. *L'Amérique espagnole et portugaise*. Paris, 1973.

³⁹ BEYHAUT, Gustavo e Hélène. *América Latina*, de la independencia a la segunda guerra mundial México, Siglo XXI, 1985. p. 6 [primeira edição de 1965 em alemão; ambos os autores do Centre National de Recherches Scientifiques]; igualmente dualistas os tratamentos dados por LÉON, Pierre. *Économies et sociétés de l'Amérique Latine*; essai sur les problèmes du développement à l'époque contemporaine, 1815-1967. Paris, S.E.D.E.S., 1969; e CHEVALIER, François. *L'Amérique Latine de l'indépendance à nos jours*. Paris, P.U.F., 1977; além das obras de Pierre CHAUNU.

⁴⁰ ROUQUIÉ, Alain. *O Estado militar na América Latina*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1984. p.40.

⁴¹ BIROU, Alain. *Forces paysannes et politiques agraires en Amérique Latine*. Paris, Économie et Humanisme, 1970. p.29.

⁴² TOURAINE, Alain. *Parole et sang*. Paris, Odile Jacob, 1988; com o mesmo título em português foi publicado no Brasil em 1990 pela Trajetória Cultural, da Unicamp; a exposição acha-se nas páginas 45 a 61 da edição brasileira; as fontes de Touraine, de caráter geral incorporam, além dos estudos franceses tradicionais citados por Lambert, um grande número de obras de técnicos e assessores da CEPAL (TOKMAN, SUNKEL, FURTADO, PREBISCH, para citar os principais) além de autores latino-americanos; ha uma extensa bibliografia no final da obra, que constitui um ótimo apanhado geral atualizado sobre o assunto. Sobre a dualização do continente e os elementos negativos e positivos, ver p.31-44.